

A educação estética ambiental do olhar e do escutar:

do estranhamento à criação

Vera Teresa Sperotto Bemfica¹
Cláudio Tarouco de Azevedo²

RESUMO: Este artigo apresenta uma reflexão teórico/prática a partir das atividades propostas ao longo de encontros da disciplina “Ecologia virtual criativa”³, oferecida pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. A oficina interventiva propõe desenvolver sensibilidades para o olhar e o escutar, com base na fundamentação teórica do filósofo Félix Guattari. A partir de produções poéticas, que serviram de estímulo às vivências propostas, foi possível a produção de algo novo para contribuir com a transformação de atitudes cotidianas repetitivas e alienantes. Para isso, foi abordada a questão da educação dos sentidos, do saber sensível para o desenvolvimento da sensibilidade como formas de contribuir para diferentes maneiras de ser e viver.

Palavras-chave: sensibilidade; estética; ambiental; olhar; escutar.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*Não é bastante não ser cego
para ver as árvores e as flores.
É preciso também não ter filosofia nenhuma.
Filosofia é um monte de ideias, dentro da cabeça,
sobre como são as coisas.
Para se ver, é preciso que a cabeça esteja vazia*
Alberto Caeiro

Este artigo apresenta uma reflexão teórico/prática sobre as atividades propostas ao longo de encontros da disciplina “Ecologia virtual criativa”, oferecida no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental (PPGEA) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

A partir da práxis proposta durante as microintervenção desenvolvidas nessa disciplina, percebemos como se constrói conhecimento relacionando prática e teoria; como podemos modificar atos cotidianos, a partir de vivências que acrescentam algo novo e contribuem para substituir atitudes repetitivas e alienantes por novas maneiras de ser,

1 Doutora em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Possui mestrado em Teoria Literária/PUCRS, especialização em Psicopedagogia/IESDE e graduação em Letras – PUCRS. Professora aposentada pelo Instituto de Letras e Artes da FURG. E – mail: <verabemfica@gmail.com>

2 Doutorando em Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Possui mestrado em Educação Ambiental/FURG e graduação em Artes Visuais – Licenciatura/FURG. Professor substituto do curso de Artes Visuais – Licenciatura e Bacharelado/FURG. E – mail: <claudiohifi@yahoo.com.br>

3 Disciplina oferecida junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – PPGEA/FURG, ministrada pelo Professor Alfredo Martin. A proposta de trabalho da disciplina prevê a apropriação das tecnologias digitais presentes no cotidiano das pessoas e a realização de oficinas como formas de criar o novo. Este trabalho tem caráter ecosófico, além de promover a transformação do grupo objeto em grupo sujeito.

descondicionando o estabelecido. Sendo assim, procuramos criar algo novo a partir das experiências e aprendizagens vivenciadas e adquiridas na referida disciplina. Para isso, será abordada a questão da educação dos sentidos, do saber sensível para o desenvolvimento da sensibilidade como formas de contribuir para a formação ampliada do ser humano.

Como mote deste trabalho, apropriamo-nos de criações poéticas que proporcionam, além de um prazer estético, uma liberação das tensões em nossas mentes, permitindo-nos defrontar com outras maneiras de olhar, num movimento de ressonância entre a realidade e a fantasia. As vozes de um poeta e de um educador/poeta podem provocar a sensibilidade em que o indivíduo, pela alienação e opressão do sistema atual, se submete à subjetivação, num processo de despersonalização. As produções artísticas possibilitam a representação de elucidações dos processos de subjetivação, abrindo espaço aos processos de singularização, esta caracterizada por uma relação de expressão e criação através do desejo que, para o filósofo Félix Guattari (2008)⁴, é onde a pessoa se apropria de elementos desta subjetividade. Esse autor apresenta uma proposta baseada na articulação ético-política que nomeia de Ecosofia, entre os três registros ecológicos, a saber: “o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana” (2008, p. 8). Assim, a natureza e a cultura não podem ser separadas e é preciso pensar “transversalmente” as interações entre ecossistemas, mecanosfera e universos de referências sociais e individuais.

Apresentar possibilidades de se viver melhor no mundo é pensar como reinventar o meio ambiente e os modos de vida e de sensibilidade, é refletir e olhar sobre a questão das atitudes condicionadas e anestésicas, impregnadas em nosso comportamento. Como vivemos numa sociedade onde as pessoas pouco se veem, pouco se escutam, pouco se tocam, pouco se conectam com sua habitação interior (*oikos*) fugindo do vazio, é importante que sejam mostradas possibilidades de reverter essa realidade crua que consome o seu dia-a-dia. Apostamos, com esperança, na educação dos atos cotidianos, como: educação do olhar, do ouvir, do caminhar, do comer, etc. para atingir a transversalidade de que nos fala Guattari. Assim, a seguir apontaremos algumas ideias desse autor que auxiliam na trajetória de uma postura cotidiana marcada pelo paradigma científico tradicional em direção ao paradigma ético-estético que abre para a construção de novos significados de vida. Com base nisso, propomos partir da etimologia da palavra ‘ecologia’ e da contribuição da teoria ecológica de Guattari. Também, apontamos a ecologia e sua relação com a arte poética, pois ambas se referem à questão da relação do homem consigo mesmo, com os outros e com o ambiente.

A ECOLOGIA E A RELAÇÃO COM OS TRÊS REGISTROS ECOLÓGICOS GUATTARIANOS

A necessidade de estimular a reflexão acerca dos modos de ser e estar no meio natural ou social, assim como o compromisso das pessoas em manter a qualidade ambiental e garanti-la para as próximas gerações é evidente. A contribuição da ciência para a construção de novos conhecimentos abrange as necessidades do intelecto, da razão, contemplando a educação das habilidades. Acrescenta-se a educação das sensibilidades como capaz de desenvolver o sensível e formar consciência crítica para a mudança de atitudes, desafiando a atuação na resolução de problemas. Na visão de Rubem Alves (2005), a educação se divide em duas partes: a das habilidades e a das sensibilidades. Sem a educação das sensibilidades, todas as habilidades são tolas e sem sentido.

A contribuição de Castro (1992) serve para referendar esse discurso, pois entendemos, como ele, que a ecologia não envolve apenas um problema econômico e político, mas advém da problemática dessas relações implicadas com a humanidade e o universo. A palavra ecologia se origina do vocábulo grego *oikos* (casa), quer dizer habitação, família, raça, e *logia* (dizer, anunciar, ler, ordenar). Salientamos que o *oikos* grego designava a

4 GUATTARI, Félix. As três ecologias. Campinas, SP: Papirus, 2008.

casa, não as quatro paredes de construção onde se congregava a família, mas a própria família e tudo em torno dela: o pai, a mãe, os filhos, os criados, os animais, as plantas, os campos, as fontes, as florestas, o trabalho.

Havia também o *oikosnomos* (regras da habitação), a economia que vem de *oikos* e que significa a ordenação da casa. Então, o significado central de ecologia, sendo habitação, corresponde ao movimento de preservação dessa casa construída pelo homem, através de sucessivos atos culturais, a partir do que faz, sente e vê, passando por várias conjunturas: acontecimentos, oportunidades, dificuldades. No sentido original, habitação vem do verbo latino *habere* (ter à mão, guardar, ocupar, ter). Nesse sentido, a ecologia se aproxima mais da morada interior do homem e tudo o que ela implica. A cultura como processo dessa habitação precisa ser reconduzida à promoção da qualidade de vida do mundo e do ser humano.

Com o passar do tempo, a produção cultural e industrial provocou um distanciamento do homem de si mesmo e a economia passou a ser uma atividade com objetivo em si. Dessa forma, a economia passou a fazer parte da ecologia e ambas a expressarem o lugar do homem na paisagem do real. Acredita-se que as soluções culturais são referenciais necessários para o homem e contêm valores, e defender esses valores garante os referenciais de identidade. O grande objetivo da ecologia é assegurar os valores morais, não em si, mas como afirmação da identidade do homem, agindo eticamente. Em síntese, para Castro (1992), a ecologia é o estudo da habitação e tal estudo diz respeito à arte de habitar. Fica evidente que, para ele, a habitação está voltada ao habitar um prédio, habitar o planeta e às relações do ser humano consigo mesmo, com os outros e com o mundo. Entendemos e acrescentamos, também, como o habitar-se, o olhar-se que apontam para a casa interior do ser humano que é singular, subjetiva e insubstituível. Corresponde, portanto, à relação do ser humano consigo mesmo que parte dessa interiorização, para seguir a trajetória de ressignificações de outras tantas relações e melhorias sociais e planetárias.

A articulação da questão ecológica à ambiental tem como ponto de partida a noção do *oikos* em seus vários sentidos. Essa articulação é uma maneira de formar a consciência da problemática local/global e atuar em sua comunidade, promovendo mudanças em um sistema que transforme o comportamento humano. Os resultados no âmbito da relação homem-natureza serão sentidos concretamente. Também se faz a vinculação com a arte, uma vez que é reveladora e desveladora da realidade. O trabalho estético dos escritores/poetas operam através de brechas do imaginário, criando possibilidades de apropriações do mundo e das coisas de forma a construir num ponto entre o sensível e o racional, outras significações. Dessa forma, entendemos, como Guattari, o *brincar*, o *lúdico*, a *criação*, como uma via de transformação, onde o racional e o intuitivo se cruzam numa condição de ação humana, entrelaçados com a realidade histórico-social. Apresentamos, a seguir, uma criação literária (fig. 1) *lúdico-estética*, que proporciona um prazer estético, como metáfora das inquietações relativas às consequências socioambientais para o planeta Terra, através das representações que denunciam a destruição e degradação da natureza humana e não-humana. Exemplificamos com o poema abaixo de Nicola (2002, p.8-9):

Prosseguindo, estabeleceremos algumas relações entre o que foi abordado com as três ecologias guattarianas. Ao se referir à ecologia social, Guattari explica que ela consiste “[...] em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no seio do casal, da família, do contexto urbano, do trabalho, etc.” (2008, p. 15-16). Já a ecologia mental “[...] será levada a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o fantasma⁵, com o tempo que passa, com os ‘mistérios’ da vida e da morte”. (idem, p. 16). Entre a ecologia social e a mental, o autor estabelece a ecologia ambiental, as inter-relações existentes entre elas e os diversos ambientes. Evidencia, por exemplo, a atual poluição nas telas da televisão que “estão saturadas de uma população de imagens e de enunciados degenerados”. (idem, p. 25). Em consequência disso, verificamos a anestesia que toma conta do sentir das pessoas. Perguntamos, então: Como as pessoas veem e escutam o que se passa no mundo fora delas e dentro de si? Como reinventar outras maneiras de ser, agir, pensar e sentir?

5 O autor se refere a “fantasma inconsciente”, no sentido psicanalítico.

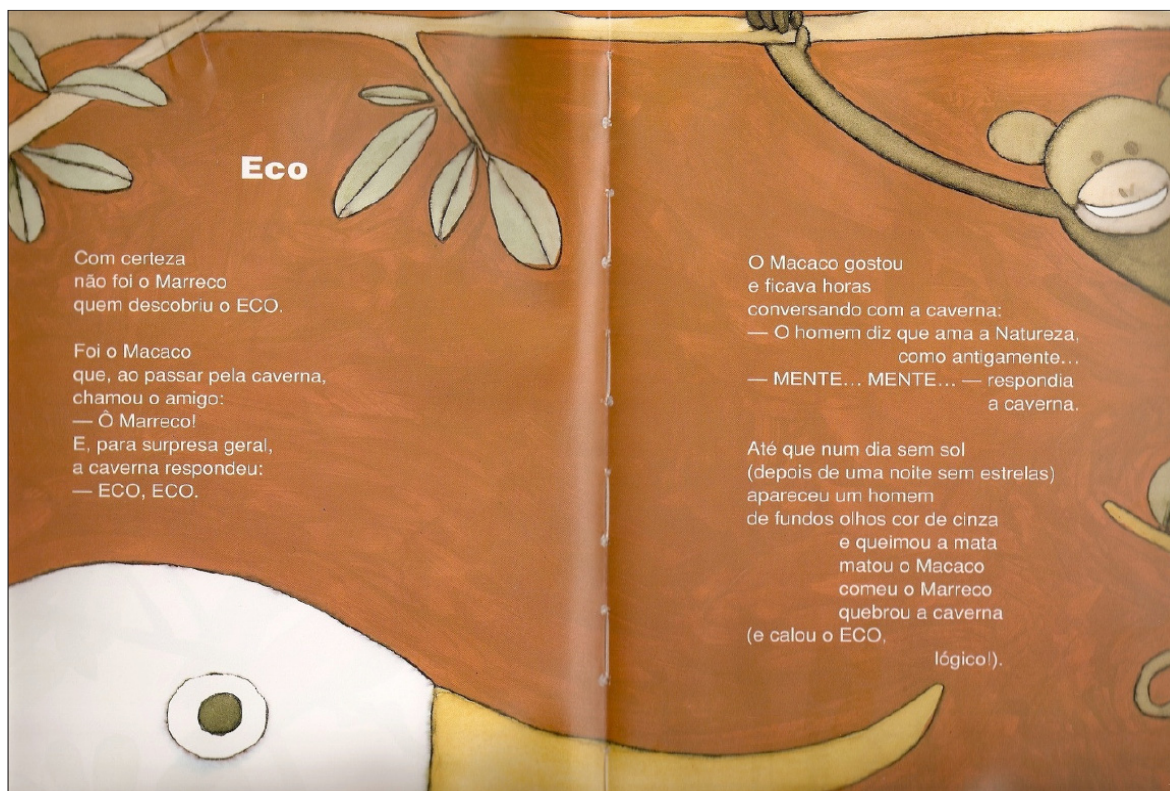


Figura 1: Poema ECO.

EDUCAÇÃO DO OLHAR E DO ESCUTAR

Freire et. al (1996) afirma que não fomos educados para olhar pensando o mundo, a realidade, nós mesmos. Realmente, nosso olhar se cristaliza nos estereótipos que apenas queremos ver, produzindo em nós paralisia, anestesia, cegueira. Para ultrapassar esse condicionamento e construir um olhar pensante e sensível, a ferramenta básica é a observação. O olhar requer cuidado consigo e com o grupo, e presença em dose significativa. O ver e o escutar pertencem ao processo da construção desse olhar. Também, não fomos educados para a escuta. Um olhar e uma escuta dessintonizados é uma forma de alienação da realidade do grupo.

No entanto, estarmos abertos para escutar e ouvir o outro como é, no que diz, partindo de suas hipóteses, do seu pensar, é buscar sintonia com o ritmo do outro, do grupo, adequando em harmonia o nosso ritmo. Para isso, é preciso que estejamos concentrados com nosso ritmo interno. Só podemos olhar o outro e sua história, se temos conosco uma abertura de aprendiz que se observa e se debruça sobre a própria história. Na ação de perguntar sobre o que vemos, rompemos com as lacunas desse saber, buscando a teoria para aplicar nosso pensamento e nosso olhar. Então, a ação do olhar vem a ser um ato de estudar a si mesmo, a realidade, o grupo à luz da teoria que nos inspira. Segundo Freire et. al (1996), o aprendizado, quando o olhar é estudioso, curioso, questionador, pesquisador, envolve as ações exercitadas do pensar: o classificar, o ordenar, o comparar, o resumir, possibilitando, assim, a interpretação dos significados lidos. Dessa forma, o olhar e o escutar envolvem uma AÇÃO altamente movimentada, reflexiva, estudiosa e cuidadosa.

O OLHAR: educando para a sensibilidade

*Quando a gente abre os olhos,
abrem-se as janelas do corpo
e o mundo parece refletido
dentro da gente.*

Rubem Alves

Entre os sentidos, a visão é mais plena quando contemplada pelo sentido interior da imaginação. Valorizar o olhar como símbolo de reflexão representa um aspecto fundamental para a fruição, na apreensão tanto do expectador como do leitor, sem culminar numa percepção ou leitura imediata. Conforme vai ocorrendo o amadurecimento, é possível que essas pessoas consigam sentir, perceber, discernir, interpretar, refletir, e as reflexões feitas sob um novo olhar vão modificando a visão de mundo.

Segundo Rubem Alves, em artigo publicado na revista Pais & Filhos (2010), educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu. Assim, diz ele, o mundo se expande e o sujeito fica mais rico interiormente, podendo sentir mais alegria e dar mais alegria: razão pela qual vivemos. Esse educador se deu conta que já leu muitos livros sobre psicologia da educação, sociologia da educação, filosofia da educação, didática, mas, por mais que se esforce, não consegue lembrar-se de qualquer referência à educação do olhar, ou à importância do olhar na educação, em qualquer um deles. Para ele, a primeira tarefa da educação é ensinar a ver, pois é, através dos olhos, que as crianças tomam contato com a beleza e o fascínio do mundo. Ao separar a educação das habilidades, refere-se à importância dos conhecimentos como meios para viver, porém a sabedoria nos dá razões para viver, deixando subentendido que a educação das sensibilidades geram essa sabedoria.

Ensinar as crianças, sim, pois elas têm olhos encantados, seus olhos são dotados da capacidade de se assombrar diante do banal. Para elas, tudo é espantoso: um ovo, uma minhoca, o voo dos urubus, os pulos dos gafanhotos, uma pipa no céu, etc., coisas que muitos eruditos não veem. Continua o educador a relatar que, na escola, aprendeu complicadas classificações de botânica, nomes latinos, etc., mas esqueceu. Porém, nenhum professor chamou sua atenção para a beleza de uma árvore, ou para a o curioso das simetrias das folhas. Na realidade, o ato de ver não é coisa natural, mas deve ser aprendido. E, quem não muda sua maneira adulta de ver e sentir, quem não se toma como criança, jamais será sábio, conclui Rubem Alves.

Relacionar o discurso de Alves com o reinventar maneiras de ser guattarianas, nas relações familiares, urbanas, de trabalho, etc., é sintonizar com a educação do sensível. Dessa forma, ao desenvolver um novo olhar frente a essas relações, ao aprender a olhar-se, a perceber-se, a sentir-se e, ao mesmo tempo, ao interrelacioná-las com o meio ambiente em que se vive, no entorno, na comunidade e no planeta, estamos potencializando a educação do sensível.

O ESCUTAR: quando se faz o silêncio 'dentro', ouvem-se coisas que não se ouvia

*Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito.
É preciso também que haja silêncio dentro da alma.*

Rubem Alves

Educar o escutar é saber ouvir o que o outro tem a dizer, sem emitir logo um palpite melhor. É não misturar o que ele diz com aquilo que a gente tem a dizer, como se o que ele diz não fosse digno de consideração. Rubem Alves (2005) cita o exemplo dos pianistas que, antes de iniciarem o concerto, diante do piano, ficam assentados em silêncio, abrindo

Revbea, Rio Grande, 7: 50-62, 2012.

os vazios do silêncio... expulsando todas as ideias estranhas. Isso quer dizer que, quando o longo silêncio ocorre, possibilita que se possa ponderar cuidadosamente tudo o que foi ouvido ou falado. Não basta o silêncio de fora, é preciso silêncio 'dentro', ausência de pensamentos, pois quando se faz o silêncio 'dentro', ouvem-se coisas que não se ouvia. Portanto, a importância de educar o 'escutar' os outros, é, principalmente, educar para ouvir-se. Essa nova postura também está relacionada à reinvenção de maneiras de ser.

DO ANESTESIAMENTO À EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL

As práticas cotidianas que oportunizam a criação do novo envolvem a valorização da educação estética ambiental da sensibilidade no processo da ação educativa, perspectiva responsável pelo desvio da cristalização, instituída pelo regime capitalista consumista e pelo paradigma positivista. Pensar a questão pedagógica é olhar para o educador como criador do saber, como um ser humano que caminha no desconhecido, movimenta a vida, dá-lhe sentido, sempre com vontade de realizar algo novo, de inserir novas formas de criar no cotidiano da vida. É próprio do indivíduo, carregar dentro de si a capacidade para buscar alternativas, desde que se sinta capaz de fazê-lo. Falar em crise de qualquer espécie é referir-se a um tipo de rompimento, sendo que no momento, muito mais que se falar em crise ambiental, o preocupante é a crise civilizatória. Esta é mais abrangente, pois se deve ao rompimento do ser humano consigo mesmo e com a natureza, como também, ao mutilamento das relações humanas interpessoais, pessoais e com outros seres vivos, numa perspectiva ecológica. Portanto, educar a sensibilidade estético-ambiental pode contribuir para a reaproximação do que há muito vem prejudicando a integração ser humano/natureza humana/natureza não-humana. Cabe perguntar: Como estamos vivendo? Como superar relações deteriorizantes?

Guattari (2008) apresenta desafios que podem ser encarados em escala planetária, a fim de remediar os desequilíbrios que ameaçam a vida em sua superfície, assim como, a deterioração dos modos de vida humanos e coletivos. Sua preocupação, somada a de muitos de nós, está relacionada à aceleração das mutações técnico-científicas e ao aumento populacional, assim como, ao contínuo desenvolvimento do trabalho maquinário redobrado pela revolução informática e à quantidade de forças reprodutivas disponíveis. Tudo isso, gerando desemprego, marginalidade, solidão, angústia, etc., ou com a finalidade "[...] da cultura, da criação, da pesquisa, da reinvenção do meio ambiente, do enriquecimento dos modos de vida e de sensibilidade?" (GUATTARI, 2008, p. 9). Para ele, somente a reorientação dos objetivos da produção de bens materiais e imateriais através de uma autêntica revolução política, social e cultural é a condição primordial. Essa operação deverá englobar, portanto, "não só as relações de forças visíveis em grande escala, mas também os domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo" (ibidem). Propõe, então, uma nova referência ecosófica que indique linhas de recomposição das práxis humanas nos mais variados domínios. Isto é, uma articulação ético-política que "[...] atravessa questões do racismo, do falocentrismo, dos desastres herdados por um urbanismo que se queria moderno, uma criação artística libertada do sistema de mercado, uma pedagogia capaz de inventar seus mediadores sociais, etc." (2008, p. 15). Essa articulação, a que chama *ecosofia*, ocorre entre os três registros ecológicos, mencionados anteriormente, (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade) que possibilitam a produção de existência humana em novos contextos históricos e que facilitam o entendimento de tais questões.

Aprofundando, a ecologia ambiental engloba o conhecimento acerca das piores catástrofes e, de igual modo, as evoluções flexíveis do meio ambiente, ressaltando sempre o papel das intervenções humanas no equilíbrio natural e a importância da ação humana, do fazer humano no processo de recuperação dos espaços naturais. A ecologia ambiental não deve ser relacionada somente a fatores externos, como: a água, a fauna, a flora, o lixo, etc. Para sair desse entendimento científico tradicional, Guattari (2008), propõe a saída desse paradigma em direção do paradigma ético-estético, pois, nessa mudança, aparece a beleza e a criação do novo, da questão representativa do belo.

Por outro lado, a ecologia social envolve a reconstrução das relações humanas em todos os níveis, do *socius*, o conjunto de maneiras do ser no seio do casal, do ser em grupo, assim como propõe a discussão dos poderes capitalísticos, das relações entre os países e potências, da mesma maneira que se dedica a reorientar as relações no seio da família. Segundo Guattari (2008), a ecologia social diz respeito ao investimento afetivo e pragmático em grupos humanos em relação com o cosmos no processo de ressingularização individual e/ou coletiva de grupos-sujeito, portadores de identidades autorreferentes. Essa ecologia se propõe a reconstrução do conjunto das modalidades do ser em grupo, não apenas pelas intervenções “comunicacionais”, mas também através de mutações existenciais relativas à essência da subjetividade. Para isso, é preciso desenvolver práticas específicas de experimentação nos níveis microssociais e em escalas institucionais maiores, que atuem na modificação e reinvenção de modos de ser, nos diversos domínios e contextos sociais, daí sua maior abrangência.

Já, a ecologia mental abrange todos os domínios da relação do sujeito consigo mesmo, com o próprio corpo, com o tempo e com as habilidades que cultiva, com suas especificidades étnicas. Ela conduz à procura de antídotos para a uniformização midiática e telemática, para o conformismo das modas, para as manipulações de opinião pela publicidade, etc. Sua atuação tem mais proximidade com a do artista do que com a dos profissionais “psi” sempre assombrados por um ideal científico (grifo do autor). Guattari afirma que “a questão da ecologia mental pode surgir a todo o momento, em todos os lugares, para além dos conjuntos bem constituídos na ordem individual ou coletiva” (p. 39). Para ele, urge se desfazer das referências e metáforas cientistas, a fim de que sejam forjados novos paradigmas.

Segundo Guattari (2008) as três ecologias têm como princípio comum nos colocar em confronto com Territórios existenciais que:

“não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas como um para-si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiterações estratificadas e mortíferas ou em abertura processual a partir de práxis que permitam torná-lo “habitável” por um projeto humano.” (2008, p: 37)

Dessa forma, entende o autor que essa abertura práxis é a essência da arte da “eco” combatendo todas as formas de domesticação aos Territórios existenciais, ou seja: às maneiras íntimas de ser, ao corpo, ao meio ambiente e/ou aos conjuntos contextuais que se referem à etnia, à nação ou aos direitos gerais da humanidade.

A perspectiva ecosófica se caracteriza pela integração dos sistemas: máquinas materiais e energéticas, máquinas no domínio estético e também biológicas, sociais. Para Guattari, não se pode separar as problemáticas ambientalistas da natureza e da cidade, consideradas devastações ecológicas visíveis e sensíveis aos pulmões e aos ouvidos, das devastações incorporais: “A toda ecologia do visível há que associar a ecologia do virtual, do corporal”. (2008. p. 42). Sendo assim, faz um alerta com relação ao desaparecimento de objetos que são tesouros da subjetividade entendidos como vitaminas indispensáveis à vida psíquica, sem esperarmos que o mercado, a economia liberal solucione esse tipo de problema. Conforme foi abordado acima, a problemática social, mental e ambiental estão imbricadas entre si e somente uma revolução ecológica, social e mental é possível para provocar uma mudança de atitudes ante a natureza, de estilo de vida, de renúncia à sociedade produtiva e consumista. Que meios utilizar para a transformação?

Na sociedade capitalista pulsa um tipo de miséria que anestesia as mentes humanas. As pessoas ficam frente a objetos que fazem vibrar todo o mundo, como sob efeito de uma droga e que apontam para a extinção da riqueza subjetiva, como por exemplo, partidas de futebol, *reality show's*. Para Guattari, a ordem estética, entendida como belo e criatividade, faz as pessoas fugirem da ditadura do *rating* e da publicidade que degenera e dessingulariza os valores, auxiliando com seu poder de transformar subjetividades. O

autor reforça a ideia de que “[...] o que realmente tem valor é o que eu vivo, o que eu sinto, o lugar que me encontro, meu ser enamorado, e não a ilusão de viver em uma ecolália mundial” (GUATTARI, 1998, p. 47). Também, a ideia de que a humanidade tem que defender sua própria existência e a de todas as espécies viventes, ou melhor, das espécies corporais e, paralelamente, lutar pela preservação das espécies incorpóreas, como a poesia que representa a perspectiva de ordem estética. Encontramos, nesse ponto, ressonância, por acreditarmos na educação do sensível, dos sentimentos através da poesia. Defendemos também a importância dessa educação que possibilita o desvio de situações cristalizadas e abre diálogo enriquecedor que extrai o que há de belo e potencial das experiências de vida. Nesse sentido, se para a mentalidade pós-moderna o bom é o que está no mercado, e falar de mercado é se referir à forma de poder que ele estabelece, o desafio consiste em criar novas formas de poder de mercado, uma vez que o capitalismo mundial não tem consciência política para assumir a solução de problemas ecológicos, por exemplo. Para que o pensamento ecológico não recaia nas formações políticas tradicionais, portanto, faz-se necessário forjar novas micropráticas políticas, sociais, psicoanalíticas, estéticas, conforme mostraremos a seguir.

OFICINA INTERVENTIVA: um trânsito para a transversalidade, uma aprendizagem através de vivências

Qual é a relação das micropráticas (oficinas interventivas) com as ecologias? Na realidade, as oficinas oportunizam vivências que trazem algo novo, diferente do cotidiano repetitivo. Se os automatismos caracterizam o medo do desconhecido dentro e fora de nós, vão acarretar o congelamento da criatividade. O mais frequente é o ‘achismo’ que controla a criatividade e impede a espontaneidade. Fazer uma conexão com a ecologia mental é compreender e vivenciar outras maneiras não racionais e habituais de se relacionar é conectar com a própria criatividade. Nessas vivências, surge a oportunidade de tomar contato e de mergulhar no desconhecido para sair da poluição mental.

Quanto às micropráticas, que intervenção ecológica se pode fazer? Com relação ao local, por exemplo, redescobri-lo: o que está para além do que se percebe até o momento; que elementos chamam atenção para uma leitura crítica do local; o que tem de belo; o que precisa ser salvo ou modificado; que outras maneiras de olhar-se e olhar o outro? Com isso, vai crescendo uma maior lucidez de ver o mundo. Concordamos com a ideia de que da vista nasce o amor, a dedicação e o pertencimento. A Mãe Natureza precisa sentir que estamos junto dela. O importante nas oficinas interventivas é que o grupo entenda o caráter estético como parte do processo criativo, e que a criação não seja patrimônio dos adultos ou dos artistas, mas que esse ato criativo seja entendido como algo possível a qualquer pessoa.

OFICINA INTERVENTIVA: educando o olhar e o escutar

A oficina foi realizada no espaço concedido pelo Centro Espírita Paulo de Tarso da cidade do Rio Grande-RS com a participação de onze trabalhadores voluntários da casa. Como recursos metodológicos foram utilizados poemas, registros fotográficos, de áudio, em vídeo e por escrito. Quanto às técnicas, em cada momento os participantes vivenciaram experiências diferenciadas conforme consta no registro posterior.

Na introdução do encontro foram apresentados trechos de produções poéticas, conforme a figura 2 e os textos de Rubem Alves e Alberto Caeiro (heterônimo de Fernando Pessoa) abaixo, utilizados para estimular os participantes a refletirem sobre a questão do olhar e do escutar em seu cotidiano. Após, foram colocados alguns aspectos relativos às três ecologias (ecologia mental, social e ambiental), assim como conceitos referentes ao olhar e ao escutar.

Viver no campo ao som de Mozart...



Não tenho ambições nem desejos.
ser poeta não é uma ambição minha.
É a minha maneira de estar sózinho.

...

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver do Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer,
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...

...

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me todas as coisas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.

Fernando Pessoa



Figura 2 – Viver no campo ao som de Mozart. Fonte: <<http://mais.uol.com.br/view/9069430>>. 2010.

*Sempre vejo anunciado cursos de oratória.
Nunca vi anunciado curso de escutatória.
Todo mundo que aprender a falar...
Ninguém quer aprender a ouvir.
Pensei em oferecer um curso de escutatória,
mas acho que ninguém vai se matricular.
Escutar é complicado e sutil.*
Rubem Alves

*O meu olhar é nítido como um girrassol
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando pra direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás...
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança, se ao nascer,
Reparasse que nascera deveras...
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo...*
Alberto Caeiro

Dando prosseguimento, a oficina interventiva foi desenvolvida em cinco momentos, conforme discriminação a seguir.

OFICINA INTERVENTIVA E ANÁLISE COMPLEMENTAR: retomando conceitos, a partir da produção de dados realizada na oficina

A partir dos relatos realizados no 5º momento, são retomados os conceitos de olhar e escutar que foram desenvolvidos ao longo deste trabalho. Para isso, serão apontados depoimentos significativos referentes aos quatro primeiros momentos, uma vez que as subjetividades produzidas possibilitaram as seguintes reflexões sobre o olhar e o escutar:

No 1º momento: Foi aplicada a técnica “De olhos vendados”. Em dupla, cada participante passava pela vivência na posição como guiado, invertendo os papéis logo após. Segue um depoimento: enquanto guiado “Quando não pude ver com os olhos, olhei com o tato e me situei, e escutando meus passos me encontrei”. Com esse depoimento, fica evidente o relato da maioria dos participantes de que, ao privar o sentido da visão, outros sentidos afloraram. Enquanto guia “Senti-me insegura pela responsabilidade em ter que conduzir com segurança a outra colega”. Isso demonstra a consciência e a ética dessa guia com relação à sua colega, no cuidado e no entendimento de sua responsabilidade.



Figura 3 – De olhos vendados, 2010

Foto: Vera Bemfica

No 2º momento: Foi vivenciada a experiência da técnica do “canudinho” metaforizando saídas do jogo estreito de ver as coisas com “um olho só”. Segue um depoimento: “Às vezes nós olhamos, escrevemos, contamos, conversamos sobre aquilo que nós vemos sobre a nossa ótica e às vezes as coisas são diferentes. Olhar no canudinho mostrou uma ótica diferente. Quando olhei no canudinho aquilo me tocou muito porque se eu visse de outra maneira eu acho que eu ia enxergar aquilo de forma diferente. Consegui enxergar que a borboleta era colorida e minha visão não era tão limitada”. Esse olhar demonstra que algo novo foi acrescentado com essa experiência. Uma estética que brota de um recorte, de um novo que surge com a limitação do olhar e que, paradoxalmente, amplia esse olhar, preenchido com o colorido de uma borboleta.



Figura 4 – Técnica do 'canudinho', 2010.

Foto: Vera Bemfica

No 3º momento: Neste momento, a vivência consistiu em caminhar pelas peças da casa “Olhando com os próprios olhos”. Seguem os depoimentos: “Observei coisas na casa que, apesar de estar aqui todas as semanas, não havia visto. Achei bom o que encontrei e despertou mais minha atenção e sensibilidade”. Isso confirma que não basta os olhos para se ver. Precisamos desse exercício para sensibilizar nosso olhar. Esse relato surge após as atividades anteriores que limitavam de alguma forma, o sentido da visão. O escutar também foi contemplado “Escutamos melhor quando silenciemos as nossas vozes e aguçamos nossos sentidos”. Este relato nos remete ao poema que diz “Não é bastante ter ouvidos para ouvir o que é dito, É preciso também que haja silêncio dentro da alma” (Rubem Alves).



Figura 5 – Olhando com nossos próprios olhos, 2010.

Foto: Vera Bemfica

No 4º momento – “Da leitura das mãos ao exercício da percepção”: O relato que segue se diferencia dos demais porque foi o único que apresentou uma reflexão sobre a representação das mãos e suas posições, a partir das fotografias registradas anteriormente das mãos de cada um dos participantes. Segue o depoimento: “Na foto coloquei minhas mãos estendidas, com as palmas para cima. Pretendia passar um sentimento, o de estar aberta para estender as mãos, para me doar e, também, aberta para receber, acolher”. Isso nos mostra que, nos primeiros momentos foram trabalhados os conceitos de olhar

e escutar no sentido de confrontar os participantes com alguma espécie de limitação dos sentidos. Nesse 4º momento, o objetivo foi desenvolver uma atividade não só criativa e de reflexão, como uma oportunidade de os participantes perceberem o que pode ir além de seus sentidos e algumas representações de seus sentimentos através de imagens.



Figura 6 – Da leitura das mãos ao exercício da percepção, 2010

Foto: Vera Bemfica

No 5º momento os participantes trabalharam com recortes, com colagem, produziram textos escritos levando em conta todos os momentos vivenciados na oficina interventiva. No final, foi aberto um espaço para que cada um relatasse seu depoimento individual. Com isso, foi-lhes proporcionada a produção de subjetividades, assim como a troca de percepções de cada um, ação fundamental para que o grupo se conhecesse um pouco mais e construísse novos olhares e novos escutares.



Figura 6 – Da leitura das mãos ao exercício da percepção, 2010

Foto: Vera Bemfica

Ao finalizar, fica registrado que as experiências vivenciadas na oficina interventiva oportunizaram, ao grupo de pessoas voluntárias, novas maneiras de ser e de viver. Essa atividade, tanto pode ser executada dentro do ambiente escolar, como fora dele, conforme foi apresentado, contribuindo, assim, para uma melhor atuação das pessoas no meio ambiente em que vivem e nas suas relações. Esses momentos possibilitam um estranhamento que gera a criação do novo. Cabe reforçar que este trabalho se fundamenta



Figura 8 – Confraternização de encerramento, 2010

Foto: Vera Bemfica

em uma das linhas de conceitualização das Três Ecologias de Guattari que trata da mudança do paradigma tradicional ao ético-estético. Comprovamos com este artigo, a necessidade de microintervenções para a mudança de paradigma.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. **A educação dos sentidos e mais**. Campinas, São Paulo: Verus, 2005.

_____. Educação do olhar. **Revista Pais & Filhos**, São Paulo, 16, mar. 2010. Disponível em: <<http://www.paisefilhos.pt/index.php/opinioao/rubem-alves/2324-educacao-do-olhar>> Acesso em: 20 mar. 2010.

CASTRO, M. A. de. A cultura como habitação. In: SOARES, A. (Org.) **Ecologia e Literatura**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992, p. 13-31.

FREIRE, M et al. **Observação, registro e reflexão**: instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

GUATTARI, F. **As três ecologias**. Campinas, São Paulo: Papirus, 2008.

_____. **El devenir de la subjetividad**. Caracas, Santiago do Chile: Dolmen, 1998.

NICOLA, J. de. Eco. In: _____. **Entre ecos e outros trechos**. São Paulo: Moderna, 2002.

Viver no campo ao som de Mozart... Disponível em: <<http://mais.uol.com.br/view/9069430>>. Acesso em: 03 jan. 2010.